



Massouh: cheques sem fundo de clientes até então acima de qualquer suspeita

218

Calote também é indexado

Raad Massouh tem uma revenda de automóveis usados na W-3 Norte e critica a indexação da economia. Mas não a mesma indexação que o presidente Fernando Henrique e o ministro Pedro Malan querem acabar a partir de 1º de julho.

“Os salários estão achatados, não tem dinheiro na praça, não tem crédito e os juros são exorbitantes. O problema do Brasil é o calote indexado. Meu cliente leva um calote, me dá um calote e eu sou obrigado a dar um calote no banco. Só que o banco cobra caro”, ironiza.

Em janeiro, Raad viajou para um tratamento de saúde. Deu ordens expressas aos funcionários: “Não comprem carro. Só vendam”. Os vendedores venderam. Foi a perdição.

A firma recebeu R\$ 80 mil em cheques sem fundo, emitidos por velhos clientes acima de qualquer suspeita.

Cheques — Raad tentou receber de um por um. Constrangidos, os clientes mostravam cheques sem fundo que eles próprios haviam recebido.

“São todos gente boa. Mas tam-

bém levaram cano e oferecem R\$ 600 para cobrir cheques de R\$ 5 mil. Dizem que é o máximo que podem fazer. E o pior é que verdade”, reconhece.

O comerciante chegou a vender 30 carros por mês. Hoje vende um. Ou nenhum.

“Se eu tivesse fechado minha loja e ficado na beira da praia tomando cerveja, estaria em situação muito melhor. Pelo menos não estaria devendo tanto aos banqueiros”, desabafa.

Raad tem na gaveta uma coleção de 40 cheques sem fundo. É sua modesta contribuição aos 414 mil que sobrevoam as asas de Brasília entre janeiro e abril.

Isso equivale a dizer que nos primeiros quatro meses do ano 5,8% de todos os cheques emitidos no Distrito Federal bateram e voltaram. É mais que São Paulo (4,9%) e pouco menos que o Rio (6,2%).

Para ele, antes de falar em desindexação, o governo deveria ampliar o crediário de três para pelo menos 12 meses, reduzir os juros de 18% para até 6% ao mês e renegociar as dívidas.